

orar com o corpo
gestos de preces e preceitos de vida
para as horas do dia

Carlos Rodrigues Brandão

alta madrugada

sonhar

Desenha, Deus, no caderno
um arco-íris.
És bom pintor, eu creio,
um bom artista.
Depois cantarola sete notas
como se fosses
meu Deus, um passarinho
desses que cantam
quando o sol vem vindo.
Soleta o meu nome de criança
e depois me dá a mão
como a um amigo.
E que eu te ame assim,
Devagarzinho,
com velas e preces
pão e vinho,
como se eu fosse um deus
e tu, um menino.

amar

Se te escolho
é porque já estavas em mim
e se te amo
é porque acordo à noite
e sonho que já não sei
viver sem ti.

conhecer

Não sei quem és
que me crias.
Não sei ainda.
Mas te sinto
como quando chove
e a chuva passa
e eu sei que chove ainda.

madrugada

dizer

A primeira palavra é um *sim*,
como quem de madrugada salta o muro
e colhe uma amora no quintal.
A primeira palavra é um gesto com as mãos.
É um sopro, como quem acena
o lenço azul claro ao que voltou.
E é como a seda da China sobre os ombros
ou como o chapéu de palha no fim da tarde
posto sobre a cabeça de quem
no entanto ama o sol.
A primeira palavra é este sol.
É como a palavra *sim* dita no escuro
quando clareia a hora onde antes era a noite
e deixa a outros o dever de lerem
sobre a folha em branco a profecia.
A primeira palavra contém o Evangelho de Lucas
e lembra dos dez mandamentos gravados em
pedra
os dois que não começam com um *não*.
A primeira palavra é como a chave
na mão da criança que ainda não sabe
como escrever a palavra *sim*.
Ela não sabe, mas diante de todos
entra em silêncio na sala e abre a porta.

perdoar

Encontra o mel onde há o mal
e com os dedos toca com ternura
o rosto de quem te morde o rosto.
Olha o olho de quem nem te vê
e cobre com flores o que era sangue.
Tua mão e a dele são iguais, bem sabes
e sabes que quem te fere é teu irmão.

hora da aurora

despertar

A ninguém é facultado
dizer: *chega!*
Há verbos que limitam
mesmo um deus
e o tempo é impensável
e sempre sobra.
Um cisne vem do Norte
bate à porta e acorda a casa.
E então acordas: são seis horas.
Uma janela que abras já te baste.
Fiz este milagre, dizes
e lavas o teu rosto.
Com as duas mãos em concha
lavas o teu rosto e te salvas.

matar

Adormeci senhor de um crime
e porque sei, escrevo e silencio.
Na parede de cor azul claro
o mosquito morto desenha
uma pequena rosa cor de sangue.

descobrir

Acordei com almas de coruja
em manhã de chuva no arvoredo
e olhar de boi em pasto de janeiro.
Queria o resto da sobra do almanaque
e um doutor em piruetas e murmúrios.
Queria desentender de geografia
e sonho um livro de regras de gramática
onde todos os verbos são gerúndios.
Queria mesmo é falar de coisa alguma
numa roda de meninos e mendigos
de velhos de casaca, saltimbancos
desses que escrevem com o ouro das abelhas.
Eu sonhava suspiros da princesa
por um príncipe que uma tarde virou sapo
em um mundo carregado de domingos
e com um dia de Natal em cada mês.
Acordei jardineiro e bailarina
equilibrista em corda de arco-íris
e inventor de lendas de andorinhas.
Sonhei que eu era um sonho que sonhava
e acordei entre o mago e a maravilha
semeando céus de araras e de estrelas
no fundo dos quintais onde há crianças.
Me vesti de anjo e de andarilho.
Desandei vida, cresci pulando muros
escalei montes onde não havia a morte
e aprendi a caminhar fora do trilho.

de manhã cedo

ir

Debaixo das sombras
de um céu sem sombras
assim caminharemos: assim.
E longe o lugar há de cumprir-se.
Então que haja ali, entre as fontes
o recanto onde adiante nasce um rio.
Um rio de silenciosas águas claras.
Claras, como um destino a viva luz.

clarear

Restou da manhã
o que aí está:
o teu corpo e este sol de maio.
Volta a ele o teu rosto
e o ilumina
E depois fecha os olhos
e de repente é noite.
Lembra isto sempre,
porque quando morreres
alguém virá aqui dizer:
porque não levantas
e não acendes a luz?

chegar

Um lugar entre flores, junto ao fogo
seja dado ao viajante. Um lugar como aqui
seja dado ao que chega enfim
e vem de longe, de um país de areia
onde a palavra *amor* tem sete letras,
e viaja como quem esquece a casa
e pergunta a Deus: *onde era? onde foi?*

Um lugar à mesa, aqui na sala
entre as flores de um ipê lilás.
Entre as flores de agosto, um lugar.
E que se acenda a luz e ela clareie
a sala. E a ele, o que veio de tão longe
seja dado um recanto ao lado do calor.
Um lugar a quem veio e chegou aqui
e é sem nome e nada trouxe de precioso
e esqueceu de onde era e olha as chamas
e aquece o corpo e de novo esquece,
e come pão e bebe o vinho
e bebe de novo pensa: *aqui é bom.*

almar

Faz um calor de outono e é outono.
É maio e a manhã clareia o chão das coisas.
É maio, vê, e ainda agora foi ontem
e debaixo do quê estão as coisas do dia?
As pequenas coisas deixadas na beira do
caminho:
um ninhozinho de beija-flores azuis
um ramalhete de margaridas do campo
os ovos deixados pela rã na poça da estrada
as frutas maduras de jurubeba ou do caqui
à espera do sol, de mãos ou passarinhos.
Uma trilha de pés de moça, um torrão de areia
um galho de ipê caído sobre a cerca de arame
algumas folhas que o vento da tarde varrerá
e o fino fio do riacho coberto de copas verdes.
Quero aprender a amar todas estas coisas
como se fossem o meu nome, minha testa,
o meu sangue, um poema nunca esquecido
ou as últimas palavras do sermão da montanha.

meio da manhã

comungar

Seu nome de homem
é de um anjo: *Gabriel*.
E será de um santo o gesto?
Levar na mão o pão feito à noite
com fermento, sal e noz moscada
canela, malva e grãos de aveia.
Um pão escuro como se usa no subúrbio
comprado com moedas de centavos.
Levar o corpo de um Cristo embrulhado
em papel de nuvem cor de chumbo
e repartir os pedaços pela rua.
Dar o pão a quem não crê em deus algum
não conhece as cartas de Paulo Apóstolo
e tem o olhar de neve e não agradece
e não se converte a coisa alguma
e nem vota em quinze de novembro.
Dar meio pão àquele de quem fogem os anjos
e sonha, no entanto, como um humano
uma vida cheia de feriados
com cheiros de cerveja, o jogo de truco
e um corpo bom de uma mulher da vida.

semear

Escuta. Já que comes esta fruta
agora, quando é cedo aqui
na beira deste quintal de teus avós
porque, ao invés de cuspires os grãos
como quem despreza o que não é doce,
porque não te curvas um pouco sobre o chão
e não te ocupas por um momento
em semear aqui e ali alguns objetos
que o teu gesto transformará em árvores?
Um dia, que a vida também faça o mesmo
com o teu corpo, já sem o dom do sopro.
E quando um teu neto vier num julho
e comer um fruto da planta que semeaste
sem saber o que faz, ele te fará eterno.

ler

Abro os rolos da Torá
(eu que me chamo Uriel)
e atiro sobre o papel um grão de arroz.
Se ele cair sobre a segunda letra
deste nome: YHVH
o impronunciável, o sem vogais
na língua de onde venho
eu serei como um deus. Pois
com um aceno assim foi quando
antes da primeira noite
a luz se fez e depois o dia e nós
você, eu, os que vestimos a cor ocre
filhos do acaso e do sopro.
Irmãos do nome e do barro.

escalar

De vez em quando, pendurado por uma corda
sobre o abismo, e buscando com os dedos
alguma cicatriz da pedra onde me salvar da queda
e prosseguir a subida entre algumas aves e amigos
eu sonhava não tanto com o cume da montanha
mas com o calor da volta
da fogueira no acampamento
e com o cheiro bom do café
que deixei por vir aqui.

deixar-se ir

Toda a coisa é um gesto
e tudo envolve o mundo
como uma casa, uma árvore
uma alma, um poema.
Todo o ser é um sonho
O tudo o que há, sonha
E por isso há o ar, a água
O fogo e o movimento.

meio do dia

consagrar

Junto as duas mãos em concha
aperto os dedos
e modelo como num pote
a argila da pele.
Mergulho as mãos na fonte
e volto dela senhor
de um lago nas montanhas.

urinar

Aqui, na sombra desta mangueira
a essas horas, enquanto é meio-dia
eu, como quem, cego, tateia estrelas
espreito perto e ao longe o horizonte.
Mijo e estou só como um último guerreiro
e abro as calças e devolvo à terra a água
e bem mais anjo do que marinheiro
eu não navego, mas eu crio um rio.
E entre demiurgo e envergonhado
penso: *e se vier alguém agora?*
Não virá! responde o vento
*nem te envergonhes. Lembra, um deus grego
fez isto antes de Tróia, e era um deus.
E o que pensavas que fazia Ulisses
pouco antes de dizer: “aqui é Ítaca?”
Um deus fez assim e tudo houve
e quem faz isto é como um deus
um pouco.*

acender

soprava com os lábios e a boca
como quem prolonga um “u”
a brasa na ponta de um galho de angico.
rodava nos dedos a madeira
e soprava de novo, e assoprava.
e fazia assim sem saber
pois apenas queria acender um cigarro de palha
o gesto de um deus quando começa um mundo.

crer

Aqui te baste: vê.
Aqui onde havia um céu de sábado
há um jardim de girassóis agora.
Como Tomé, toca olha e crê.
Semeavas este gesto: o corpo curvado
e os pés plantados no chão do outono.
Nasceram ontem essas flores amarelas.
Sem esperar o sol elas nos olham.
E, jardineiro, dizes: *creio*.
E elas dizem: *volta!*

Ousar

Ao vento da noite e à poeira que avermelha o mundo?
Aos frios de julho chegando e aos vidros do inverno?
Ou a uma ainda última chuva do mês de outubro?
Andamos por aqui como peregrinos ao Norte
e pensando em Deus andamos sem destino.
Não cremos no corpo do apóstolo
enterrado, dizem os de lá, em Santiago.
Andamos a esmo e oramos ao vento
Semeamos pelo caminho pés de amora
e não desejar nada e não querer chegar
à noite a parte alguma nos faz santos.

compreender

Anos depois essas flores de acácia
amarelas como o mel que vem do sol
estarão aqui a cada lua nova de maio.
Alguém haverá de pisar as pétalas caídas.
Outros serão os viajantes, uma gente de longe
chegada aqui a passeio ou em busca de um irmão.
De quem nós fomos não saberão nada
e nem sonhariam perguntar qualquer coisa.
Por isso alguns de nosso tempo tomam a faca
e com a ponta ferem um nome nas árvores.
Deixemos a eles este pequeno desejo do eterno
de que imaginamos estarmos livres
como quem esquece na areia o sinal do corpo.
A noite virá, e o vento e o mar saberão apagá-los
e já amanhã os pássaros de hoje terão esquecido
a nossa breve e efêmera passagem por aqui.
Assim terá sido. E assim se esquece
e um dia não estaremos mais sob esta sombra
juntos como agora entre essas flores de acácia.
Fiquemos pois um pouco mais sob a sua copa
para que duas ou três flores caiam do alto
sobre os nossos ombros e os nossos nomes.
Uma outra florada destas gotas de limão-e-ouro
haverá de deixar caírem pétalas sobre o chão.
Efêmeras elas e também nós, amigos.
Mas a cada ano em maio elas retornam
e nós? Onde estaremos nós então?
Onde estaremos quando for o maio
de um tempo depois de um último outono.

Colher

Colhi a flor das pedras:
o bronze é verde e o cobre cor da carne.
A prata espelha o ouro que há no sol
e é este o meu jardim de abril.
Que outros semeiem centeio e trigo.
Eu, garimpeiro e mago
colho o grão de pólen destas pedras.

esperar

Como era o tempo de mangas maduras
chegaram juntas as crianças e as abelhas
e havia na curva da estrada uma mulher
de um vestido negro, um par de brincos,
um outro de botas gastas e um olhar -
como direi? - um olhar de quem espera
a cada tarde do tempo das amoras
a volta de alguém de um outro porto.
Um alguém que não virá. Não virá
e ela sabe, mas espera até quando
secam as amoras e somem as crianças e as abelhas.
Pois ali, na beira da estrada, indiferente aos risos
e sem o desejo da vida e das amoras
quando passamos ela nos saudou com a mão
e antes que alguém respondesse, ela disse:
*Vejam, ele não veio de novo e não virá
ele não virá nunca, mas eu espero aqui.
Porque, se eu esperar é como se ele estivesse vindo.*

catar

As mãos têm rugas mas são sábias
e há setenta anos fazem isto: catam feijão.
Separam dos grãos os grãos
e do feijão as pedras e as palhas.
Como as mãos de um rei criam a ordem
e desenham no mapa da mesa
o lugar dos perdidos e o dos salvos.
Tocam cada grão dizendo um nome
colocam de um lado o joio
e do outro o trigo. E a voz canta
uma canção de chamar os santos
sem saber que é do Nazareno
que as duas mãos falam na cozinha.

começo da tarde

descalçar

Aqui na porta apenas da terra que te separas.
Protegido pelo couro que ora abandonas
não manchastes os pés da cor do chão
se é que a terra mancha; ela tinge
e dá a tudo o seu tom de vida: a cor da terra.
Livres da lama, limpos na pele
o que são os teus dois pés
menos do que os sapatos que te deixam
e sobram cobertos de barro do lado de fora da casa?
Um dia nasceu de novo ali, nos teus sapatos.
Agora, descalço, sai pela porta.
Lá fora a terra te espera e um outro dia
será de novo a casa onde, sem sapatos,
caminharás como quem volta.
Toca-a, portanto, com quem sabe
como quem ora.
Faz isto enquanto é tempo. E anda.

descascar

Tudo o que o navegante Colombo
fez no ano da graça de mil
quatrocentos e noventa e dois
eu faço agora, aqui, de novo
e assim, sentado na varanda
ao redor da mesa às oito horas.
Colho como se um mundo uma laranja
e com as dez naus dos dedos
e mais o vento da faca afiada
saio armado de mapas, silêncios
e astrolábios e velejo a Oeste.
E viajo com sede ao redor da Terra
em busca dos segredos do Oriente
escondidos num gomo de laranja.

conjugar

vivo

creio

confio

entrego

crio

partilho

aceito

acolho

agradeço

bendigo

de tarde

comer

Já não dizemos: *é hora*. Já não é.
a hora passou e era agora
e entre nós três ficou esse relógio
parado há sete dias às seis horas.
Pomos de volta na mesa uns pães
um jarro de água fresca, um girassol
um bilhete de trem, um par de óculos
um retrato sem data, duas chaves
uma caneta sem tinta, o mapa de Minas
e um guardanapo de papel onde se lê:
quem estava aqui? quem veio antes?
Escreveram a lápis, mas ... quem foi?
E se foram e antes de nós fizeram
entre eles essas coisas conhecidas:
comeram e nem disseram: *é hora*
e um ar de junho entrava da janela
e beberam e limparam a boca
e olharam na rua um jornaleiro,
uma notícia, uma pedra, uma gaiola,
o passar do tempo, um par de irmãos,
um penitente e um pregador da fé
de um povo distante nove noites.
Olharam o que viram daqui desta janela
e entre eles deram, como nós damos
a essas coisas simples do correr do dia
ora o nome de milagre, ora o de história.

sertanejar

Sou gente de muito fazer. Me olho e vejo a manhã nascente. Esses sóis de agosto. Ou será que é ela quem nasce de eu já estar assim: de pé, escuro ainda, na soleira da porta, as mãos adiante, na frente do ar, do sol, para o que o dia venha. Eu abro as mãos assim: veja. Anseio é arranhar os ventos. Com as duas mãos planto esses verdes. Com as duas mãos teço canções: os pés de milho crocando folhas secas no ar de maio. Sertões? Fui eu. Agora acordo ocasos. Houve um tempo em que eu tinha um desvairio de idéias. Agora tenho menos. Pois fecho os olhos e o que eram verbos são agora as cores que algum dia não verei mais. Pensar assanha o corpo e almeia a alma. Mas com o passar dos meses dos anos da vida é isso o que faz a gente parar de olhar a lua. Por amor dela, seus altos ouros na noite, deixei de fazer versos. Da viola pendurada na parede quero agora só a música sem as palavras. Desaprendi minhas rimas e meus anseios de hoje são sem nome. Já gostei menos de sonhar silêncios. Aprendi a ouvir o que não forma eco. O que não faz sentido e o que existe fora da gramática. Um pio de pássaro é todo o meu salmo. Rezo para Deus batendo os pés no chão, as mãos, uma na outra e assobio alto. Ele escuta. Aprendi a ouvir até a fala dos peixes na manhãzinha do riacho. Mas só depois, com as mãos limpas de terra escura. Pois nela tudo há e acontece. Lá, de onde eu sou, lá de onde eu vim. Lá.

caminhar

(Antônio Machado)

Caminhante,
não faço o caminho
em que eu caminho
mas o caminho me faz
o seu caminho.

Se olho para trás
não vejo as marcas
que eu deixei na trilha.
Mas dentro de mim eu sinto
o sinal que a trilha me deixou.

E quando eu chego
não chego a parte alguma
além do caminho de onde eu vim.

desbravar

Ir além do vento
como com a foice
e deitar no chão
como quem com sono.
Morder o cravo
como alguém na missa
e vestir a calça nova
como quem se casa.
Guardar no bolso
um sol e seis sementes
e amanhar a chuva
como quem soletra um nome.
Como quem soletra um nome
e sonha. E sonha.

filosofar

este cheiro
de manga
pelo ar
me faz pensar
que janeiro
já chegou.

fazer

Olha. Nesta mesa de uma madeira escura
e antiga, feita por um marceneiro cego de amor
morto em uma festa do Corpo de Deus
amigo de cabras negras e de estrelas
há marcas do tempo. Com cuidado
saberás ler algumas figuras, manchas dos anos
e outras de um óleo de plantas raras derramado
sob a luz de velas cor de aveia.
Espia atento e de nada te envergonhes
e vê que algumas são claras como esta.
Será como se o pão esquecido entre a noite e a manhã
deixasse impressa aqui a sua face. Olha bem, alguém fez
e há alguns riscos desenhados com as unhas: quem? porque?
E outros, fundos, lavrados com metais de faca.
Não sei se ao cabo destes dias, agora que te vais
terás deixado na mesa algum sinal. Deixa também
e antes de ir embora volta e põe por um instante
as duas mãos sobre ela: assim, sem pressa.
Melhor do que os traços que o tempo varre
é o haveres deixado aqui o peso de tua alma.

crepúsculo

escurecer

Um pouco virá da luz.
Seu tempo será o do lampejo.
Um momento e o sopro apaga a vela
e a parede espelha a escuridão.
Um pouco virá da brasa. Virá da fuligem
e da pedra de fogo sem o fogo, sem o lume
vivo do vento como acendia a dançarina.
Um pouco virá da cinza. Sua areia
boa ao tato, pois ela é o fogo quando pó.
Recolhida na concha rosa das mãos
ela retorna ao chão de saibro
e é sinal de Deus, pois é o que resta do milagre
e devolve à casa da terra o que era dela:
a madeira, a folha, a alma e a vida.
A primeira chuva é o esquecimento
e um pouco virá do sopro do silêncio.
Isso de que o vento fala quando atíça o fogo

beber

Vê essa concha? São tuas mãos.
Aperta os dedos com jeito
mas que um pouco de água te escape.
Antes de tomar dá de beber
a um grão do pó do chão, a um inseto
a uma folha seca, a um galho de canela
a um mito de outros povos, a um duende
a um fio do vento, a um ar do sol
a uma criança e a um velho
e depois bebe.
O que sobrou é a tua parte. Bebe.

gaguejar

Palavras pelo meio ela dizia.
Balbucios: “arm” ... “arm”
para dizer “amor”.
a palavra “sim” para “silêncio”
três consoantes sem pronúncia
para “deus”
e a letra “e” para dizer “eu sou”.

apontar

Pois aqui começam as palavras!
Quem escreve aponta o lápis com o canivete.
Cada gesto ensaiado entre os dedos da mão
direita
desvela um pouco mais da face da lança
com que o homem se veste de Quixote
e desafia os moinhos e os silêncios.
Um pouco mais e a ponta preta aparece
e ele refaz esse milagre treze vezes
e cantarola uma canção de ninar
enquanto acorda a véspera do poema.
Ele fecha nas mãos a arma da ousadia
e recolhe da mesa lascas de sândalo e poeira.
Assopra dos dedos um pouco de fuligem
e suspira como Deus diante do barro
e como quem cria quando fala, ele escreve.

escolher

O caminho que te aponto é este:
olha contra o sol nascente e segue a Oeste.
Adiante, depois de uma árvore sem pássaros
há uma fonte saindo de uma pedra escura.
Contempla a graça de seu ar na manhã de março
mas não tomes da sua água fresca.
Dizem que ela faz esquecer o amor e a dor.
Após três curvas a estrada se divide. Sê atento.
Ignora a direção da esquerda. Parece a mais suave
mas logo adiante ela dá apenas em um quintal
de macieiras secas e uma casa abandonada
onde agora moram algumas pombas e lagartos.
Toma, se quiseres, o caminho do meio
a menos de noventa passos adiante há um bosque
e a sombra dele ao meio-dia é como um colo de mulher
depois da tarde e do vinho. Mas, cuidado!
Ele te levará sete léguas e meia por um destino
de que até os pássaros e o vento perderam o rumo.
Escolhe a estrada da direita: é sem sombras
mais longa e te custará bastante. Mas ouve o que digo:
é a mais segura e sem ardis. Ademais
como a jornada é longa e alcançarás a noite a caminho
e agora é o outono, terás por companheiras as estrelas.
Terás as estrelas por companhia
mesmo que não chegues a lugar algum.
Acaso queres mais?

começo da noite

escrever

eu que de você nem esperava
esta palavra sonolenta e bocejante
saída da cama com olhos tardos.
Essa palavra como um relógio sem corda
guardado sem uso entre o avô e o neto
como a flor caída antes do fruto
ou como quem vai morrer e faz um gesto
e cria uma coisa de dizer e não diz nada.
Essa palavra como a escrita na parede
com nove letras, sendo cinco apagadas
onde se lê ainda um erre, um ene e o quê?
Essa palavra sombra como a sombra
quando a hora foi e deixou o rastro de
quando já não há sol e nem há sombra.

ver

Não fosse a ilha em volta
essa paragem.
Não fosse ao largo o mar
essa como água de meninos.
Não fosse a noite sobre a rua
esse lençol da Lua Nova
e a luz clara de Sírius na cintura.
Não fosse isso assim, aqui e agora
e entrevisto de repente, de relance
no vidro amarelo da janela
e não seria a alma a pedra da memória.
E não seria esse rosário essa demora:
o inventário de ontem colhido pelo chão
com as duas mãos em concha
como em prece, como um Credo
lavrado na boca de quem ora
e polido na ara da aurora.

dizer

o que dizemos não ouvem as rãs,
as estradas e o ouvido do vento.
O que dizemos num murmúrio
São gestos, no entanto, como preces
e os astros mais além das árvores
as escutam quando noite alta
o orvalho reflete ao mesmo tempo
o sol, a lua e o ciclo das estações.
É quando as abelhas nos entendem
e os cometas nos escutam quando passam.
Pois quando se pensa que nada foi dito
é que se pronunciam as palavras
de que o universo vive a cada dia.

alta noite

esperar

Será como isso foi: o fruto doce
depois de comido. A semente caída
na terra ao azar do passo.
Assim se come a melancia, assim se cospe.
E trinta em cada uma dão em nada e uma brota.
Será como escolher um caminho sem saber:
dois se perdem adiante e um chega ao porto.
Será como aqueles que saíram pelo mar:
seis não voltaram e um achou uma ilha
onde os dias e as noites são iguais.
Não há porque não ir, portanto
pois se de mil um volta, foram todos
e quem salva um homem, salva o mundo.

duvidar

Sei que me resta pouco tempo
para ser estas vidas desvairadas
que esqueci de haver até aqui.
me faz falta uma alma ao vento
mais errante ainda e adiante de mim.
Me falta um corpo em estado de fogo
mais do que este, afeito a quinhões pequenos
de estrada de terra, de colinas e águas calmas.
Me faz falta um espírito mais sereno
e afeito a ouvir os anjos.
Me faz falta uma inocência de gestos
sem sentido, sem uma razão conhecida
e sem qualquer proveito
como a de quem caminha
e responde a quem pergunta: *pra onde?*
existe isto, amigo? Existe “onde”?

transar

Viúva e envelhecida
Teresa, a lavadeira
sorri para si mesma e ao vento
enquanto põe na água do tanque
o teu lençol da noite de ontem
com alguns fios de cabelos claros
e manchas dos sucos de dois corpos.
E ela pensa enquanto lava e lava:
o meu lençol já foi também assim um dia ...

ser

Que este musgo me cubra o corpo.
Fui gente e sou agora a pedra.
A chuva me poliu o corpo e eu calo
e espero o dia, o sol da manhã
e a lixa número zero do vento.
Cresce na pele de quem sou
esse tom de verde musgo
que não era meu um dia.
Uma mancha de cores me desenha
este jardim de março e primavera.
Ah, quem me veste de vida? Eu
que sou pedra e sonho o cinza
e a seta de Zenão de Eléia.

vigiar

Não passou o que chamamos de espera.
O instante entre o canto do cuco e o silêncio.
Entre a cantilena da mãe e a lembrança.
Entre a ave morta e o vento roçando o arco do rei.
Nada passou, nem mesmo a noite
e por isso, vigia, calas de olhos abertos
como quem espreita o anjo ou o inimigo.
O corpo como quem acende a vela
e empunha a espada e treme.
Os ouvidos acesos como quem vê na escuridão
e ouve sozinho o anúncio do final dos tempos.
“Vigia, vigia! O que é da noite?”
Como quem não obstante silva e chama pássaros
ou como quem acena a ninguém e chove e é dia.
Como quem na parede decifra o olhar do outro
e fala de Deus como quem soletra
cantigas de ninar, canções de inverno.

noite alta

acolher

Não seria preciso dar a este corpo
jovem um dia e agora calmo, colhido pelos anos
a cor da pele do tempo dos heróis
pois nada nele foi o elmo e o escudo
e nem foi a carne dada aos deuses
e nem a volta pelo mar de Circe.
O que eu fiz foi com estas roupas de feira
e a lembrança de um vinho, de um vento.
Agora, quando não há mais o arder do fogo
espero a morte como quem se banha
e veste a roupa do domingo e faz a barba
e pensa em deus dizendo: *agora é tempo!*
e fecha a porta da frente vagaroso
e vai embora da casa sem remorsos.

envelhecer

Foram ásperos os teus anos.
Os dias de ontem foram duros
mas agora chegas e descansas.
Limpa das unhas com a ponta da faca
a terra havana. Foram ásperos os teus anos.
Raspa do calcanhar essa pele tornada pedra
a dura obra que os passos fizeram de tua carne.
Banha o corpo com a água morna
e que te seja um amigo o mês de maio
(não se morre em maio. não ainda).
Esfrega com sabão de cinzas e palha de milho
o corpo de cor da terra como a terra
repousa a alma enquanto a noite
cobre os campos onde semeastes trigo.
Esquece os números: a Deus as contas e o futuro.
Esquece o tempo e lembra:
havia uma canção? Havia um canto
e o pai sabia e te cantava quando era junho
e juntos abriam trilhas nos sertões de Minas?
Esquece as contas, lembra o canto.
Foram ásperos os tempos.
Agora é o tempo. Canta!

apagar

(Imagens de Brión, na Galícia)

Enquanto pode a parede suporta
os traços do homem talhados na pedra.
Mas com o tempo a areia apaga o símbolo
e devolve ao corpo da matéria a sua origem.
No portal da casa em Morentans
no caminho entre Viceso e Oms
talharam de um lado um rosto
e do outro o signo de Santiago.
Tanto tempo depois de tantos anos
e o desenho nem semelha o ar de alguém
e quem passa depressa nem o vê.
E quem repara pergunta: *é um rosto?*
de quem? de um homem? quem foi?
o que ele disse um dia? disse algo?
E agora espera a chuva e o vento e já foi tanto.
Até quando não reste na pedra do portal
coisa alguma além da alma de seu nome
e mais nada afora a sombra de seu rosto.

partir

Cora Coralina

Já não faz mais doces
e segredava: *sou doceira,*
a poesia é só o acaso.
Tinham pouco açúcar e eram doces
e esse, dizia, é o meu segredo.
Já não andava nas ruas da cidade
as pedras cansavam os pés, eram aventuras
de antes, e do mundo baste o seu quintal
de figos e mamões, milho e memórias.
Houve um tempo quando o rio Vermelho
tinha ouro, peixes e águas limpas.
Hoje, do que vale olhar pela janela?
Há dentro dos olhos uma paisagem e é mais bela.
Já quase não escrevia, gastou o rol das rimas
e sonhava ser sábia em silêncio.
Quando a morte veio um outro dia estava pronta
como quem tira do forno o doce
apaga a vela, põe no ombro o xale
e abre a porta e sai e vai embora.

ressuscitar

Que o meu corpo
alimente um pé de Cedro.
Que a minha alma
o embale com o vento.